



INDÍGENAS TABAJARA: RESSIGNIFICANDO A CULTURA ATRAVÉS DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

Eliane Farias

FUNIBEN E-mail: eliafariass@gmail.com

Lusival Barcellos

UFPB E-mail: lusivalb@gmail.com

A sociedade brasileira se caracteriza pela pluralidade e diversidade de práticas culturais, sendo a indígena uma das que mais se destacam por preservar suas tradições através das práticas educativas orais imemoriais. Esses aprendizados estiveram e estão presentes no cotidiano dos povos indígenas e perpassam gerações. O presente estudo tem como objetivo analisar como são desenvolvidas as práticas educativas utilizadas pelo povo indígena Tabajara da Paraíba para preservação de sua cultura tradicional, seus ritos e sua religiosidade. Essa dinâmica surgiu da necessidade de preservar e perpetuar suas tradições ante o confronto com a sociedade não indígenas. Logo, expressa e sistematiza a edificação das raízes culturais do povo indígena Tabajara da Paraíba na prática do respeito, do cuidado com os elementos da natureza, na confecção dos artesanatos, na pintura, nos rituais, na religiosidade cristã e na espiritualidade tradicional, que didaticamente podemos aqui chamar de práticas educativas tradicionais. Quando se fala em práticas educativas indígenas Tabajara é preciso entender todo universo onde elas acontecem, o tempo necessário, as relações com a mãe natureza e os valores que são cultivados. A pesquisa tem aporte teórico de autores como Freire (1997), Clastres (1982), Barcellos e Farias (2015) e Libâneo (2005). O estudo tem cunho etnográfico com enfoque qualitativo, utilizando como instrumentos de pesquisa a observação participativa, o diário de campo e entrevista semiestruturada. Os resultados indicam que o surgimento e a necessidade da prática educativa, tem exigido maior dedicação e organização de como agir no coletivo, na (re)criação do universo indígena, na perseverança e na valorização da cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas educativas. Indígenas Tabajara. Cultura.

GT 06 - Educação e Relações Étnico-Raciais

1 INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira se caracteriza pela pluralidade e diversidade de práticas culturais, com diferentes estilos e singularidades que são peculiares de cada povo, possibilitando assim a interação e o respeito pelos diferentes e pelos diferentes. Neste cenário, a práxis educacional indígena apresenta-se como uma das que se destaca por preservar suas tradições através das práticas e espaços imemoriais. Esses aprendizados estiveram e estão presentes no cotidiano dos povos indígenas e perpassam gerações. O presente estudo tem como objetivo analisar as práticas

educativas utilizadas pelo povo indígena Tabajara da Paraíba para ressignificação de sua cultura.

Entre os povos originários, a significação passa a ser ressignificação que é entendida como uma tática que possibilita a continuação do processo, a ressurgência na elaboração de sentidos e significados da alteridade Tabajara. Essa possibilidade exige incessantemente uma luta, uma oposição, uma resistência. (CERTEAU, 2012). Daí a questão principal deste estudo, que é de perceber como acontecem as práticas educativas entre os indígenas Tabajara da Paraíba.

Os Tabajara a partir do final do século XIX, segundo Barcellos e Farias (2015), foram considerados extintos pela população paraibana. A elite imperial brasileira, através dos aparelhos ideológicos estatais (CARNOY, 1990), planejou de forma astuciosa e perversa, a destruição da língua, dos hábitos e costumes, dos relacionamentos, das espiritualidades, enfim, do cotidiano vivido, resultando no aniquilamento da maioria das etnias indígenas ao longo do litoral. Um genocídio que assassina os povos em seus corpos e o etnocídio, que os mata em seu espírito (CLASTRES, 1982), exterminando ações e práticas educativas e culturais que eram transmitidas há séculos.

Mas qual a explicação para essa lacuna na nossa história? Diante das violentas represálias adotadas pela ideologia nacional para eliminar os indígenas, eles sabiamente ficaram silenciados e invisibilizados por mais de um século. Mas, no início do século XXI, em 2006, o jovem Ednaldo dos Santos Silva, atual cacique geral Tabajara, conhecedor de sua ancestralidade indígena, decide empoderar-se do *Mito da Profecia*. (FREIRE, 1997; 2014).



Foto 1- Cacique Ednaldo Tabajara, Aldeia Vitória, out. 2015

Esse mito na história tradicional dos Tabajara foi narrado, por mais de quarenta anos, pelo tronco velho Antônio Piaba, conhecido como Vô Piaba, ancião bastante respeitado pelos seus sábios ensinamentos e espiritualidades. A profecia Tabajara narrava que “[...] um dia virá um jovem forte, capacitado e destemido assumir a nossa história, nossa gente e a retomada de nossa terra.”

O *Mito da Profecia* foi o elo do movimento da ressurgência, da união dos indígenas, de reivindicação do seu território e da ressignificação das tradições Tabajara. (BARCELLOS; FARIAS et al, 2014). Segundo Eliade (2002, p. 8), “[...] as sociedades onde o mito é - ou foi, até recentemente - ‘vivo’ no sentido de fornecer os modelos para conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significado e valor à existência humana.” Na história indígena a força do mito da profecia Tabajara modifica a vida e dá outro valor à existência desses indígenas. Hoje o povo Tabajara tem uma população de, aproximadamente, 1000 indígenas (BARCELLOS; FARIAS; COZAR, 2015), que vivem na sua grande maioria nas periferias das cidades paraibanas de João Pessoa, Pitimbu, Alhandra, Conde e nas Aldeias Vitória e Barra de Gramame, situadas no município do Conde-PB.

2 PRÁTICAS EDUCATIVAS TABAJARA

Desde os tempos imemoriais a transmissão dos conhecimentos Tabajara são práticas cotidianas de se ensinar a fazer, fazendo. Neste contexto, seus valores, costumes e tradições práticas educativas são apreendidas, desde a fase da infância, até a fase adulta. Os anciãos e os pais acompanham seus *curumins* nas atividades diárias constantemente. Essa dinâmica expressa e sistematiza a edificação das raízes culturais, da prática do respeito, do cuidado com os elementos da natureza, da prática da agricultura, da confecção dos artesanatos, na pintura, dos rituais festivos cristãos e da espiritualidade tradicional, que didaticamente podemos aqui chamar de práticas educativas tradicionais.

Essas práticas educativas são apreendidas naturalmente a partir dos espaços vividos e da convivência da vida. Acontece de forma não rígida, não metódica, não idealizada e difusa. Trata-se de um aprendizado que, segundo alguns estudiosos, se define como práticas educativas informais, pois acontece de forma difusa e dispersa, pois ocorre nos processos de aquisição de saberes e modos de ação de modo não intencional e não institucionalizado. (LIBÂNEO, 2005). Nesse sentido, pode-se dizer que as práticas culturais dos Tabajara estão densamente impregnadas de práticas informais e acontecem de forma indireta.



Foto 2- Jovens Tabajara, Aldeia Vitória, out. 2015

Já dissemos anteriormente que o Povo Tabajara sofreu uma violenta diáspora no final do século XIX. Nessa conjuntura de perseguição, de conflitos e (des)colonização, suas tradições foram, estrategicamente preservadas, mas tiveram que assimilar outras aprendizagens. Essa dual realidade cultural enfrentada pelos Tabajara fez com que suas práticas educativas fossem unidas com as que eram praticadas pelos não indígenas, muitas vezes impostas de forma arbitrárias e violentas. Aqui entra uma dinâmica de aproximação e/ou de distanciamento e até mesmo rejeição dessas práticas culturais europeias, numa tentativa de preservar o legado da etnia.

Como isso se processava? Quando não tinha outra opção, os Tabajara praticavam o que era imposto, mas sutil e silenciosamente fortaleciam o que se tinha da herança cultural, subvertendo a doutrinação que era visibilizada. Aceitava-se as práticas que lhes eram outorgadas, mas não se eliminava o legado. Outra tática adotada eram as alianças que faziam para, de alguma maneira, salvaguardar as práticas da ancestralidade.

Em 2006, conforme Farias e Barcellos (2015) os Tabajara iniciaram um trabalho para reconhecimento como a segunda etnia indígena da Paraíba. De acordo com Ednaldo Tabajara, iniciaram a valorização da sua cultura reinventando suas práticas educativas que estavam invisíveis através de uma práxis que os levava a conhecer os elementos tradicionais da cultura, através do desenvolvimento de oficinas de pintura, de espiritualidade, de confecção de artesanato e dos trajes do ritual do Toré.

As oficinas são espaços organizados por um grupo social, no quais são direcionadas propostas ligadas ao fazer, a aplicabilidade de determinadas atividades que possibilitem o ato de aprender,

não somente aquilo que é ensinado, como também o que o meio lhe possibilita, levando em consideração o espaço, materiais, memória, enfim, aquilo que esteja sendo vivenciado e efetuando no momento dessas vivências. (SILVA, 2007).



Foto 3- Crianças, adolescentes e adultos Tabajara, Aldeia Vitória, out. 2015

A práxis dessas oficinas de valorização das suas essências contribuiu para o fortalecimento das denominadas práticas educativas. (LIBÂNEO, 2005). Segundo Libâneo (2005), essa prática é imprescindível quando se fala em um processo educacional que priorize atividades que favoreçam aprendizagens culturais, de criação, de relações de trocas, de vivências etc. Logo, a prática de ressignificação das tradições dos indígenas Tabajara, atualmente, acontece fora do contexto escolar, mas acontece com uma intencionalidade e sistematização para transformar a realidade daquele povo.

O homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade se não for ajudado a tomar consciência da realidade e da sua própria capacidade de transformar [...] Ninguém luta contra forças que não entende, cuja importância não meça, cujas formas de contorno não discirna; [...] Isto é verdade se, se refere às forças sociais[...] A realidade não pode ser modificada senão quando o homem descobre que é modificável e que ele o pode fazer. (FREIRE, 1997, p. 48).

No contato com o não indígena a (des)colonização despertou a luta por novas formas de sobrevivência e na transformação da realidade do povo Tabajara, desencadeando um processo de legitimar como indígenas seu diferencial no educar e educar-se. Práticas que continuam

sendo construídas com a escuta, o diálogo, os questionamentos, o tempo e a paciência, numa relação que faz os indígenas praticantes, valorizarem sobre as experiências vivenciadas.

3 DA TRADIÇÃO À CATEGORIZAÇÃO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

Optamos por realizar um estudo etnográfico com abordagem qualitativa, porque lidamos com o sujeito histórico e suas subjetividades, valores, crenças, afinidades, gestos, partilhas, significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes etc. (MINAYO, 2003, p. 22). Utilizamos como instrumentos de pesquisa a observação participativa e isso nos possibilitou perceber detalhes como: olhares, sinais, saudações, movimentos, expressões etc. Foi de grande importância utilizarmos o diário de campo para descrevermos os detalhes das visitas. A todo instante sempre estivemos anotando, fazendo esquemas, desenhos, roteiros, escrevendo palavras-chave, para em seguida tecermos comentários consistentes e fundamentados nas práticas Tabajara. Para descortinarmos memórias sobre a história das práticas educativas antigas e aprofundarmos as práticas educativas atuais, decidimos por realizar a entrevista semiestruturada com representantes Tabajara. (BARCELLOS; FARIAS, 2015).

A presente pesquisa foi iniciada em 2009, através de inúmeras visitas na antiga Sesmaria da Jacoca e Aratagui, no território tradicional do povo indígena Tabajara da Paraíba.

Esta temática de estudo, ainda pouco discutida na academia, estará contribuindo para que outros pesquisadores possam realizar futuras pesquisas, os universitários indígenas possam ser mais conhecidos, e as práticas educativas Tabajara sejam amplamente divulgadas e respeitadas.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Quando se fala em práticas educativas indígenas Tabajara é preciso entender todo universo onde elas acontecem e os valores que são cultivados, enfim, se faz necessário valorizar a diversidade, estar aberto para compreender e apoiar os projetos de um povo que tem muito para nos ensinar e nos encantar.

O povo Tabajara está delineando ações práticas educativas para ressignificação da sua cultura que no cotidiano se reinventa a partir dos usos dos praticantes pensantes. O cotidiano é espaço dos saberes e acontecimentos culturais, que não se repetem, mas podem ser planejado. (ALVES, 2003).

Ficou evidente que as oficinas de saberes e práticas educativas dos indígenas Tabajara não são dados extraídos da teoria de pedagogos renomados ou meras normas da etnia, mas estão sendo construídas da necessidade histórica alicerçada na sua ancestralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que o contexto atual vivenciado pelo povo indígena Tabajara da Paraíba demandou a criação de ações subsidiárias para a alteridade da etnia. O surgimento e necessidade da prática educativa vai exigindo maior acordo e organização de como agir individualmente e no coletivo, com dedicação, criação e recriação do universo indígena, perseverança, resistência e amor na valorização da sua cultura. Elementos práticos decisivos para preservação do grupo e retomada do território.

Hoje, a aldeia é uma universidade, onde diariamente as práticas educativas são processadas, reafirmadas, rearticuladas etc. Só consegue acompanhar a velocidade como isso acontece quem está diretamente envolvido nessa dinâmica de vida. Nessa teia social os fios são tecidos a todo instante.

O estudo evidencia a dinâmica dos indígenas como seres que não pararam no tempo, que não são seres do passado, que não são figuras do folclore brasileiro, mas sim estão vivos e fortes, acompanhando a dinâmica do Brasil e do mundo na atualidade. E cada vez mais elaborando, reelaborando e ressignificando elementos culturais em prol da perpetuação da alteridade cultural étnica indígena Tabajara da Paraíba.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 62-74, maio/ago. 2003.

BARCELLOS, Lusival; FARIAS, Eliane et al. **Diversidade PARAÍBA**: indígenas, religiões afro-brasileiras, quilombolas, ciganos. João Pessoa: Grafset, 2014.

_____; _____. **Memória Tabajara**: manifestação de Fé e Identidade Étnica. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. 231 p.

_____; _____. **Paraíba Tabajara**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

CARNOY, Martin. **Educação, Economia e Estado**: base e superestrutura: relações e mediações. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2012.

CLASTRES, Pierre. **Arqueologia da violência**. São Paulo, Brasiliense, 1982. p. 52-60

FREIRE, Paulo. **A mensagem de Paulo Freire**: textos de Paulo Freire selecionados pelo INODEP. São Paulo, Nova Crítica, 1997.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos, **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** 8. ed. São Paulo: Cortêz, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

SILVA, Carla Regina. Oficinas. In: PARK, M.; FERNANDES, R. S.; CARNICEL, A. (Orgs.). **Palavras-chave em Educação não-formal**. Holambra: Set.; Campinas/CMU, 2007.